

## POESIA FUNDÃO 2015

### 1. **545. SAL 1**<sup>1</sup> **LUCIANO**

sempre que vou ao mar  
na boca fica-me um travo a sal  
sempre que vou à galiza  
os lábios falam-me de portugal  
e em goa, timor ou macau  
no brasil ou cochinchina  
nunca me sinto mal

sândalo, cravinho e canela  
arroz-doce, bebinca, balachão  
a língua que nos une tem sal  
nela me deito e me deixo vogar

nesse oceano da lusofonia  
sem ventos nem adamastores  
navegam todas as naus  
todos irmãos num só mar  
bandeiras do mundo sem passaporte

esta a nossa cantiga de embalar  
sonhos, utopias por provar.

### 2. **559. ALABOTE 2, (AO VASCO P DA COSTA E EDUARDO.B.PINTO)**<sup>2</sup> **CONCHA**

o mar de novo  
e sempre  
as ondas e a espuma  
sem sabor a maresia  
esperma salgado do atlântico

não se vive sem mar  
numa ilha

### 3. **590. A ALMA DOS POETAS,**<sup>3</sup> **CHRYL**

não sei da alma dos poetas  
nem mesmo da do ramos rosa  
não conheço o cheiro da poesia  
nem mesmo do nuno júdice

nem sei a cor de qualquer verso  
nem mesmo do alexandre o'neill  
perco-me em mayakovsly  
visito o uivo de allen ginsberg  
por entre as denúncias de daniel filipe  
e os alertas de lawrence ferlinghetti

não sei da alma dos poetas  
não sei nem dos poetas  
emigraram todos desgostosos  
fugiram envergonhados  
desta escravidão que nos impõem  
destas grilhetas invisíveis  
meros robôs em mundos alternativos  
comandados à distância  
dentro de um jogo de computador  
a que insistimos em chamar vida  
e alguém joga com ela  
sem o sabermos

não sei da alma dos poetas  
não sei dos poetas  
não sei da vida

### 4. **568. SEM PERFUME DE CAJU, AO URBANO BETTENCOURT,**<sup>4</sup> **LUCIANO**

na humidade da savana  
no calor da tabanca  
tange urbano a sua harpa  
palavras aceradas como o vento são  
batuque abafado na bolanha  
longe do país de bufos e beatas<sup>5</sup>  
traduzes as sílabas de morte e vida  
rumores desse cheiro de áfrica  
colado na pele que esfregas  
com napalm e metralha  
que nunca conseguiste lavar  
nem com as chuvas da monção

### 5. **615. MAIS BRUMAS**<sup>6</sup> **CONCHA**

eram de espuma  
as palavras  
eram de sal  
as ondas

<sup>1</sup> junho 2012

<sup>2</sup> 16 agosto 2012

<sup>3</sup> 3 JUNHO 2013

<sup>4</sup> 18 janeiro 2013

<sup>5</sup> in urbano áfrica frente e verso p. 62

<sup>6</sup> 02 ago 2013

## POESIA FUNDÃO 2015

eram de gaze  
as nuvens  
eram de orvalho  
as lágrimas  
eram de névoa  
os montes  
o verde surreal  
as lagoas  
eram de medos  
os vulcões  
e procissões  
eram de espuma  
as ilhas dos açores

---

### 6. 617. GEOMETRIAS,<sup>7</sup> CHRYS

a elipse veio à janela  
mordaz sorriu com malícia  
lenta, descreveu um círculo  
com um dichote brejeiro  
triangulou um piscar de olho  
e numa hipérbole sensual  
com uma risada estrídula  
sentou-se quadrada no meu colo

---

### 7. 574. SOLETRAS AUTONOMIA,<sup>8</sup> LUCIANO

ilhas de névoas e gaze  
de novelões e conteiras  
do verde e do azul  
ó gente de basalto  
quem canta a tua gesta?

terras de maroiços  
cais de rola-pipas  
mar imenso abraçado  
lacerado por vulcões

ilhas de bardos e músicos  
republicanos presidentes  
poetas, pintores e artistas  
anteros, nemésios e natálias

quem te liberta das grilhetas  
do passado feudal  
da escravatura da fé  
do atavismo ancestral?

soletras autonomia  
gaguejas liberdade  
titubeias emancipação  
com laivos de insubmissão  
como a irmã galiza  
cicias um 25 de abril  
que tarda em chegar

---

### 8. 649. A CRUZ DA DEMOCRACIA, ,<sup>9</sup> CONCHA

*primeiro puseram a cruz nas janelas  
depois colaram cruces nas vestimentas  
por fim, gravaram a cruz nas fronteiras*

*fechou portas e janelas  
desligou as luzes a tv  
esperou que se esquecessem dele*

*quando vieram não deu luta  
nunca votava e nada sabia  
dano colateral da democracia*

---

### 9. 576. ONDE OS AÇORES NÃO VOAM,<sup>10</sup> CHRYS

tu que nasceste açoriano  
nem vais acreditar  
onde os açores não voam

não bebi café em ouarzazate  
não fui aos 2 mil anos de persépolis  
não cacei leões na gorongosa  
não comi chicharrinhos em rabo de peixe  
não vi petra nem os budas de bamiyan  
nem vi índios de roraima  
não fumei ganza nas praias de goa  
nem fui em adoração a katmandu  
nunca cheguei a machu picchu  
nem a hotel de gelo nórdico

---

<sup>7</sup> 02 ago 2013

<sup>8</sup> 14 abr 2013

---

<sup>9</sup> 30 maio 2014

<sup>10</sup> 16 abr 2013

## POESIA FUNDÃO 2015

nadei na areia branca em dili  
em cheoc van em coloane  
em bondi de sydney  
em kuta beach de bali  
em pattaya tailandesa  
no bidé das marquesas de s. martinho do porto  
na praia azul de espinho  
nas águas límpidas de daydream island  
nas areias de byron bay  
banhei as mãos em tijuca  
as cataratas do niágara molharam-me  
vi o sol a pôr-se na lapónia  
e a nascer em bobonaro  
vi sóis, luas, mares e céus  
no faial, pico e flores  
e nas 3 ilhas santas dos açores  
nadei em rotnest island  
comi em fremantle  
dormi em towal creek comara  
vivi em prahran e falls creek  
waverley, centennial park  
maroubra, coogee e randwick  
cottesloe e claremont  
lecidere em dili  
leiria, tomar e mafra  
campo lindo, maria pia e amial  
sou de bragança sem lá ser parido  
sou australiano sem lá ter nascido  
carrego frações da galiza e do brasil  
de cristãos novos e alemães  
minhotos e marranos  
das cruzadas até áfrica  
onde nunca estive

e de todos esses locais  
que terás de buscar num mapa  
encontrei as tuas ilhas

***nelas serei açoriano até morrer.***

---

### 10. 596. DA MINHA JANELA, <sup>11</sup> LUCIANO

*O mar é deus  
As ondas a sua palavra  
Os romeiros alimentam-se dela  
(poema tuaregue adaptado aos açores)*

disse o poeta a seu tempo  
da minha janela vejo o mar  
o meu quintal é enorme  
abarca a linha do horizonte  
a minha janela é enorme  
abre-se ao círculo dos céus  
o meu oceano é enorme  
chega às ruínas dos atlantes  
só a minha escrita é pequena  
nas grades desta prisão

---

### 11. 631. ILHAS, <sup>12</sup> CONCHA

estar numa ilha  
é como viver num cais  
à espera do barco que nunca chega

viver numa ilha  
é sonhar  
construir a jangada  
desfraldar velas

estar numa ilha  
é ir para o campo  
plano e raso  
à espera que construam  
o aeroporto

a única forma  
para viver numa ilha  
é imaginá-la à saramago  
como um continente à deriva

estar na ilha  
é imaginar a fuga  
sonhar com a saída  
levá-la a reboque dos sonhos  
embarcar nas nuvens  
vogar na maré baixa  
planar nas asas dos milhafres  
e voltar sempre  
ao ponto de partida

---

<sup>11</sup> 7 junho 2013

<sup>12</sup> moinhos, 20/8/2013

## POESIA FUNDÃO 2015

12. **583. DIA DA MÃE #2, À NINI,**<sup>13</sup> **CHRYL**

*Maria nini de todos mãe  
Hoje é o teu dia  
De filhos e filhas  
Do marido também  
Que não te sabia  
Mãe destas ilhas  
Que te querem bem*

*Mãe rima não tem  
Pois mãe rima bem  
Quando rima com mãe  
Mãe é tão sublime  
Que rima apenas com mãe*

*Maria nini de todos mãe  
Disse um poeta  
mãe não tem rima  
É claro que rima tem  
Com carinho e amor  
Com este poema também  
Com sofrimento e dor  
Com beijos e lágrimas  
Emoção, alegrias, cor  
Mãe de rimas é cheia  
Mulher das minhas folias  
Até à última ceia*

*Maria nini de todos mãe  
Cheiras a coco  
Sabes a morangos  
Nascida em lisboa  
Casada em sydney  
Trabalhas açorianidades  
Neste mundo oco  
Cheio de Djangos  
Maria nini de todos mãe  
Distribuis felicidades  
Enquanto canto teu nome  
Até ficar rouco*

*Maria nini de todos mãe  
Hoje é o teu dia*

**660. demo-cracia,**<sup>14</sup> **LUCIANO**

tanto mar, tanto sal  
tanta dor em portugal

primeiro foi-se o império  
depois finou-se a ditadura  
hoje agoniza a democracia  
sujeita à banca e à usura

e neste recanto da ilha do arcanjo  
sonha-se poesia e utopia  
como se ainda houvesse esperança  
ou o político se vestisse de anjo  
por entre crimes e desgovernação

tanto mar, tanto sal  
tanta dor em portugal

---

13. **602. REMINISCÊNCIAS, MOINHOS**<sup>15</sup>  
**CONCHA**

quero regredir à infância  
até aos anos da inocência  
sonhos ingénuos e aspirações  
tudo era bem mais simples e banal

sabíamos de onde vínhamos  
repetíamos ciclos de antanho  
havia quatro estações  
tudo era bem mais simples e banal

estradas lentas com destinos certos  
paragens em todos os apeadeiros  
plantar uma árvore  
escrever um livro  
conceber um filho  
tudo era bem mais simples e banal

sobreviver à guerra colonial  
arranjar emprego  
subir na vida a pulso  
criar família e viver sacrifícios  
e valia sempre a pena  
tudo era bem mais simples e banal

---

<sup>13</sup> 5 maio 2013

---

<sup>14</sup> moinhos 29/8/2014

<sup>15</sup> 22/06/2013

## POESIA FUNDÃO 2015

---

14. **643. DELICODOCE,<sup>16</sup> CHRYS**

diz a minha mãe  
e eu creio nela  
que duas tias  
quando nasci  
me deram muita  
água açucarada  
mesmo muitas  
muitas vezes

está explicado o porquê  
de eu ser uma criatura doce

---

15. **594. AUTONOMIAS NOMINAIS - FLA<sup>17</sup>,  
LUCIANO**

*“para saberes quem te governa descobre  
quem não podes criticar”*

Voltaire

hoje acordei sem voz  
sem mãos,  
sem pés  
sem coração.

habito nove ilhas de mil cores  
arquipélago de mil autores  
num fiasco de autonomia  
pobreza sem alegria

na independência poucos confiam  
em busca de subvenções porfiam  
melhor é ficar mudo e quedo  
viver dos subsídios esmoleres  
submissos e acomodados  
pobres despreocupados  
servos enfeudados  
ingénuos explorados  
na eterna espera de Godot  
de um Mandela que não nasceu

assim se explicam os açores  
ilhas de mil e uma dores

---

16. **667. ARCO-ÍRIS,<sup>18</sup> CONCHA**

arco-do-céu  
arco-da-chuva  
arco-do-tempo  
arco-da-água  
arco-da-velha  
arco-do-abraço  
arco-de-deus  
arco-celeste  
arco-da-aliança  
arco-da-virgem  
arco-íris

na mitologia dos colóquios  
há antropomorfismos  
de íris a vénus

jovem e nascitura  
metamorfose do arco-da-velha  
somos a voz das lusofonias  
da galiza a timor  
do brasil aos açores  
guia-nos mestre bechara  
mestre malaca é timoneiro  
todos divisamos futuro  
no mastro do caráculo

---

17. **668 OUTRO CÉU,<sup>19</sup>  
CHRYS**

rafid caminha seguro  
sob o seu fez ou taburch  
sem tremores nem medos  
entra calmamente onde o mandaram  
abre a túnica e todos veem  
o cinto de explosivos  
sobre o cirwal (ceroulas)  
e com este gesto  
partiu  
em busca de 72 barbies no céu

---

<sup>16</sup> 2 outº 2013  
<sup>17</sup> 6 junho 2013

<sup>18</sup> seia 29 set 2014  
<sup>19</sup> lomba da maia 23 janeiro 2015

527. Leonor sem verdura nem frescura

16.11.2011 **CHRYE E LUCIANO**

Chrys Vale Tostões

Descalça vai para a farra  
Leonor pela noitinha  
Vai trémula pela cocaína

Leva preservativo na calcinha  
Pílula do dia seguinte na bolsinha  
Tanga de fina seda encarnada  
Minissaia de cabedal rascote  
Não usa sutiã no decote  
A pele branca que nem neve pura  
Vai trémula pela cocaína

Cantarola já rouca a garganta  
Cabelo desgrenhado  
Bandolete china de plástico usado  
Tão pedrada que a todos espanta  
Engole o ecstasy de graça tanta  
Que dá graça à pouca gordura  
Vai trémula pela cocaína

[Luís Vaz de Camões](#)

Descalça vai para a fonte  
Leonor pela verdura;  
Vai fermosa, e não segura.

Leva na cabeça o pote,  
O testo nas mãos de prata,  
Cinta de fina escarlata,  
Sainho de chamelote;  
Traz a vasquinha de cote,  
Mais branca que a neve pura.  
Vai fermosa e não segura.

Descobre a touca a garganta,  
Cabelos de ouro entrançado  
Fita de cor de encarnado,  
Tão linda que o mundo espanta.  
Chove nela graça tanta,  
Que dá graça à fermosura.  
Vai fermosa e não segura.